

Praça da Regeneração em Pelotas/RS: um espaço de lazer na cidade

Dalila MÜLLER¹
Dalila Rosa HALLAL²

Resumo: Durante todo o século XIX a cidade de Pelotas se desenvolveu economicamente em função da atividade charqueadora, destacando-se pela sua economia, mas também pela vida social e cultural na cidade. Nesta época, a elite utilizava diferentes espaços de lazer, tanto públicos como privados. Dentre os espaços públicos destaca-se a Praça da Regeneração, a praça mais importante da cidade. Assim, busca-se analisar o uso da Praça da Regeneração para atividades de lazer pela sociedade pelotense do século XIX. As fontes desta pesquisa foram os jornais impressos, que relatavam com riqueza de detalhes o cotidiano de Pelotas. Constatou-se que a Praça da Regeneração foi palco de festas, retretas, circos, quiosques ou de simples passeios pelos jardins da mesma. Neste espaço de lazer a elite ostentava sua riqueza e seu bom gosto, era um espaço de ver e ser visto, de se encontrar, conviver e se relacionar com seus iguais.

Palavras-chave: Lazer; Espaço Público; Sociabilidade; Praça.

1 Introdução

Pelotas foi uma cidade que se destacou durante todo o século XIX e o início do século XX, principalmente pela sua economia, cultura e lazer. A sua história é marcada pelas charqueadas, sua principal atividade econômica no período.

No final do século XVIII iniciou-se a atividade charqueadora na região de Pelotas, a qual se desenvolveu no século XIX e início do XX, possuindo, em 1873, 35 charqueadas em funcionamento. Porém, começando a entrar em crise no final do século XIX, chegando a ter apenas 05 charqueadas em funcionamento no ano de 1929 (Müller, 2004).

Com a exploração da atividade charqueadora, no início do século XIX, a população começou a aumentar, formando-se um povoado. Em 1812 atingiu a condição de freguesia, chamando-se Freguesia de São Francisco de Paula e, a partir do rápido desenvolvimento econômico e urbanístico, atingiu a condição de vila em 1832, emancipando-se administrativamente de Rio Grande. Em 1835 foi elevada à condição de cidade de Pelotas, juntamente com Rio Grande, através da Lei nº 5 de 25 de junho de 1835 (Magalhães, 1993).

A mão-de-obra das charqueadas era essencialmente escrava e a safra era curta, de novembro a abril/maio, o que fez com que os charqueadores gozassem de uma ociosidade, desenvolvendo uma vida social e cultural na cidade, criando espaços de lazer, principalmente após o término da Revolução Farroupilha, em 1845.

¹ Doutora em História – UNISINOS; Mestre em Turismo - UCS. Docente do Curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3450137421308599>. E-mail: dalilam2011@gmail.com.

² Doutora em História – PUCRS; Mestre em Turismo - UCS. Docente do Curso de Bacharelado em Turismo da UFPel. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4606760006124679>. E-mail: dalilahallal@gmail.com.

Saint-Hilaire (1935, p. 88) observou que, em 1820, a fortuna dos pelotenses pouco contribuía para o seu conforto, os moradores “[...] nutrem-se mal e não conhecem diversões. Os momentos de lazer são dedicados ao jogo, ou às intriguinhas de aldeia.”

Porém, antes de ser criada a vila, em 1832, os moradores já realizavam atividades recreativas, principalmente àquelas ligadas às festividades nacionais, como o Sete de Abril e o Dois de Dezembro. Além disso, estavam em funcionamento dois teatros na cidade, o Teatro Sete de Abril e o Teatro Sete de Setembro (Müller, 2010).

Com a Revolução Farroupilha, iniciada em 1835, Pelotas deixou de progredir. A população do município diminuiu em quase a metade, com a sua emigração para a margem direita do Rio São Gonçalo, aglomerando-se em galpões de olarias existentes no Passo dos Negros, e com a fuga para o Povo Novo e Rio Grande. Porém, antes do término da Revolução Farroupilha, a cidade retomou seu desenvolvimento. A partir de 1841 foram fundadas fábricas, hotéis foram abertos, as atividades na Câmara de Vereadores e no Teatro Sete de Abril reiniciaram, a população começou a aumentar com o retorno de antigos moradores e da chegada de imigrantes europeus, uruguaios e argentinos (Müller, 2010).

Os charqueadores, juntamente com os imigrantes europeus, passaram a cultivar uma incipiente vida social e cultural, levando em conta que gozavam de um tempo livre, o que possibilitou que se dedicassem a atividades de lazer.

Essa elite fez com que Pelotas se destacasse pela sua sofisticada cultura e estilo de vida, que a diferenciava das outras cidades gaúchas do interior; nesta sociedade se valorizavam as qualidades relacionadas com a nobreza e a ociosidade, como o cavalheirismo, a cultura e o despreendimento do dinheiro. Era uma sociedade em que havia a valorização de um ócio que permitisse aos cidadãos usufruírem dos entretenimentos e bens culturais disponíveis. (Loner, 1999).

Buscando uma maneira de viver condizente com a sua situação econômica, essa população enriquecida procurou, cada vez mais, atividades de lazer para aproveitar seu tempo livre. Assim, a possibilidade de dispor de um tempo livre era considerada “a recompensa e o privilégio de um nascimento nobre, a marca de uma superioridade pessoal.” (Porter, 2001, p. 21).

O lazer, segundo Corbin (2001) é entendido como a liberdade de usar o tempo livre para distrações ou ocupações a que as pessoas se entregam de livre vontade, e não como sequência temporal sem trabalho. O autor considera que no seio das elites do século XIX o lazer se achava valorizado. Essas elites dispunham de um tempo livre, o que não quer dizer que eram ociosas, mas que evitavam “o vazio das horas”. A elite é obrigada a “empregar o tempo e tem que encontrar numa ocupação uma razão para viver. Mas as actividades a que se consagra[m] respondem imperativamente a três condições: tem que ser voluntárias, honoríficas e desinteressadas.” (Corbin, 2001, pp. 62-5).

Durante o século XIX e, principalmente após a Revolução Farroupilha, a elite pelotense utilizava diferentes espaços de lazer durante seu tempo livre, como os teatros, os

clubes recreativos e esportivos, as residências, as praças e parques urbanos, bem como fazia excursões para a praia e para o campo, entre outras atividades de lazer.

Assim, este trabalho tem por objetivo analisar as atividades de lazer desenvolvidas pela elite pelotense na Praça da Regeneração, durante a segunda metade do século XIX. Esta praça foi a principal praça da cidade, pela sua localização, bem como pela construção de importantes prédios urbanos ao seu redor, como os casarões de charqueadores, o Teatro Sete de Abril, o Mercado Público, e, posteriormente, o Paço Municipal e a Biblioteca Pública Pelotense.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizadas as informações coletadas nos jornais periódicos de Pelotas e de Rio Grande, cidade próxima a Pelotas. Os jornais foram pesquisados sistematicamente, levantando-se as informações dia a dia. Os jornais utilizados foram: Diário do Rio Grande e O Noticiador (1832), de Rio Grande; O Pelotense, O Noticiador, Correio Mercantil, Diário de Pelotas, Arauto, e, Diário Popular, de Pelotas. Foram utilizadas imagens da Praça da Regeneração disponíveis no acervo do Projeto Pelotas Memória de Nelson Nobre Magalhães, da Universidade Católica de Pelotas.

2 A Praça da Regeneração como espaço de lazer

A Praça da Regeneração foi formada pela ausência de quatro quarteirões, possuindo, atualmente, aproximadamente 2,2 hectares (Paradedá, 2003). A praça foi demarcada no segundo loteamento da cidade de Pelotas, em 1834, nas terras de Mariana Eufrásia da Silveira (Müller, 2010).

Inicialmente, o espaço destinado para a praça era um espaço vazio, sem a demarcação das ruas ao seu redor, nem plantações no seu interior, por isso era chamada de “campo”. Era um local com péssimas condições de trafegabilidade, devido às águas que ficavam paradas no seu interior, principalmente na época das chuvas. Porém, ao seu redor, já estavam instalados a casa da Câmara Municipal, o Teatro Sete de Abril, a escola de primeiras letras, dois sobrados e um poço, utilizado pelos escravos como bebedouro (Müller, 2010).

A Praça teve diversas denominações, depois da proclamação da independência, os moradores deram ao local o nome de Praça Regeneração; em 1865 passou a denominar-se Praça Dom Pedro II, em homenagem a visita do imperador D. Pedro II à Pelotas; em 11 de outubro de 1889, trinta e cinco dias antes da proclamação da república, a Câmara Municipal, que tinha maioria liberal, conseguiu substituir o nome da praça, voltando a denominar-se Regeneração; em novembro de 1895 passou a chamar-se Praça da República, através do ato nº. 55 do intendente Gervásio A. Pereira, homenageando o regime político que se consolidava; com a morte do cel. Pedro Luis da Rocha Osório, em 1931 o prefeito João Py Crespo, através do decreto nº. 1813, substituiu o nome para Praça Cel. Pedro Osório, continuando com tal denominação até os dias atuais (Müller, 2010).

No início da década de 1830, antes mesmo de ser demarcado no plano urbano da cidade, o espaço já era utilizado para comemorações cívicas e religiosas. No dia sete de abril

de 1832, durante os festejos do primeiro aniversário da abdicação de Dom Pedro I e da instalação da Vila de São Francisco de Paula, o “benemérito Sr. Dr. Ouvidor [...] proclamou a nova vila”, sendo construído o pelourinho no centro da praça (O Noticiador, 04.05.1832, p. 3), onde, na década de 1870, foi instalado o chafariz.

As comemorações incluíram música pelas ruas da cidade, quando uma banda acompanhava o público tocando e cantando o Hino Nacional, Te-Deum na igreja matriz, espetáculo no Teatro Sete de Abril, baile e três apresentações do espetáculo da Cavallhada na Praça da Regeneração, conforme relata o jornal abaixo:

Pelas duas horas da tarde vinte jovens Cavalheiros elegantemente vestidos, e em soberbos cavalos, se encaminharam à Praça destinada para os torneios, aonde com habilidade e destreza apresentaram ao publico o espetáculo de cavallhadas; fazendo realçar ainda mais tão interessante divertimento o extraordinário concurso de pessoas de ambos os sexos, que formavam uma vista brilhante e encantadora. [...] Neste mesmo dia e no seguinte [oito e nove] houve repetição do interessante divertimento de – Cavallhadas – que longe de minorar o prazer com que o publico o desfrutava, produziu um contrario efeito, concorrendo constantemente um grande número de espectadores. (O Noticiador, 04.05.1832, p. 3).

Nas décadas imediatamente posteriores ao fim da Revolução Farroupilha, a praça começou a ser utilizada para outras atividades de lazer, além das comemorações cívicas e religiosas. As retretas e a instalação de quiosques, circos, riques de patinação no interior da praça visavam entreter uma elite ávida por divertimentos.

A partir do término da Revolução Farroupilha, em 1845, a cidade de Pelotas começou a valorizar seus espaços urbanos públicos, revitalizando-os através das reformas urbanas. Essas reformas buscavam mudar a feição da cidade, dando a ela um caráter civilizado e pronto para receber as pessoas nos seus novos locais públicos. Tal ordenação dos espaços públicos passa pela definição do que são e para quem são destinados, como:

Órgãos essenciais à vida urbana são a rua, a praça, o templo, o mercado, o foro, o circo o theatron (literalmente, “o lugar em que se olha ... e se é olhado”), isto é, a cidade são os canais que levam o homem à presença dos outros homens, e os recintos para todas as formas de convivências que aplacam a angústia de ser só, a estreiteza de ser particular e curam a sensação da insuficiência da casa, do círculo doméstico e dão a oportunidade a que cada homem faça de sua vida uma tangente de outras vidas. (Omegna, 1971, p. 80)

Nos anos iniciais da década de 1850, quando outras atividades recreativas se desenvolvem na Praça, os jornais começavam a reivindicar melhorias na mesma, visando sua melhor utilização pela população e a intensificação das atividades recreativas naquele local. As principais reclamações estavam relacionadas com as “imundícies” depositadas no local (O Pelotense, 31.03.1853, p. 1), a falta de árvores (O Pelotense, 23.06.1853, p. 2), e a presença de águas paradas formando lagoas (Diário do Rio Grande, 17.09.1857, p. 2).

Uma das atividades de lazer constantes na Praça, a partir de 1850, foram as retretas, que se mantiveram durante todo o século XIX. Elas faziam parte da programação das festas cívicas e religiosas, mas era também uma atividade regular na Praça. Nos festejos de dois de dezembro de 1850, além de outras atividades, “as músicas dos batalhões” tocaram a retreta “por longo espaço, tendo quase que exclusivamente sido executada pelo 2º Batalhão de Fuzileiros”. No evento, se “apreciou a conduta dos soldados, que se pelo rico uniforme aparentavam oficiais de alta graduação, não o apresentavam menos pelo comedimento e circunspeção com que aplaudiam os festejos, inspirando aos espectadores confiança e entusiasmo” (Diário do Rio Grande, 07.12.1850, p. 3).

A retreta ocorria todas as quintas-feiras e domingos. Em março de 1853 a retreta foi realizada “em um canto da praça, talvez o mais imundo”. Aqui, mais uma vez, o comentarista criticou a situação da praça e propôs “ao amigo da comandância, não torne a mandar a música para aquele sítio, havendo tantos outros, na mesma praça, onde as famílias podem estar mais a gosto” (O Pelotense, 31.01.1853, p. 1).

No mesmo ano, no dia de S. Siríaco, a “música do 10 da infantaria” tocou a retreta na “praça da Regeneração, tão pouco regenerada, que nem umas arvorezinhas lhe tem querido plantar” e “numerosa reunião circund[ou] a música” (O Pelotense, 23.06.1853, p. 2).

Os anúncios demonstram que, mesmo em péssimas condições de uso, a Praça da Regeneração era utilizada e bastante frequentada pelos moradores locais para atividades de lazer, o que justifica a necessidade de melhorias na mesma.

Em 1861, os jornais continuavam reivindicando melhorias na Praça, como a necessidade de aterros, visando sua melhor utilização pela população e a intensificação das atividades recreativas naquele local.

PRAÇA DA REGENERAÇÃO – [...] Não é o antagonismo político, nem o interesse de partido que nos move a pena, é antes a consciência do dever que nos impõe a missão de que nos achamos investidos, e o desejo de prestarmos o pequeno contingente de nossos serviços a nossa esperançosa cidade. Mais de uma vez temos tratado da necessidade de aterros na praça da Regeneração, já porque entendemos que, em quanto ela não tiver a necessária elevação, não dará fácil escoação às águas pluviais, que, mormente na estação invernos, fazem dela uma lagoa circulada de pântanos, já porque entendemos que, visto não ser possível ter todas as ruas da cidade em bom estado, deve-se caprichar em que a nossa principal praça se ache sempre nessas condições, mesmo porque é ela um lugar de muito transito, e que mais fere a vista de quem chega a Pelotas. Por todas estas razões, é que ainda hoje vamos investir na necessidade de aterros na praça. (O Noticiador, 20.11.1861, p. 2).

O redator prossegue ressaltando, mais uma vez, o estado da praça e solicitando atitudes da Câmara Municipal para solucionar tais inconvenientes, uma vez que a estação do verão era propícia para a solução desses tipos de problemas. As reclamações dos redatores demonstram a preocupação de, pelo menos, parte da população.

[...] as águas em vez de se escoarem, ficam estagnadas em diversos lugares; o que, com o transito dos veículos, ocasiona esse imenso lamaçal, que incomoda a todos que não rodam em ricas berlindas ou não cavalgam fogosos ginetes. Ora, sendo a falta de elevação do centro da praça que produz todos esses inconvenientes, como é que, á pretexto de aformoseamento, e de aplanar o terreno, mandou a câmara a tempos fazer escavações, que ainda abaixaram mais o terreno em diversos lugares? O resultado é o que todos estão presenciando, e que de certo não deve lisonjear ao autor da lembrança desse melhoramento. Repetimos: anteontem estava a praça em péssimo estado; se isto acontece agora, que a câmara tem seus dois melhores auxiliares – sol e vento – o que acontecerá no inverno? Por todas estas considerações, esperamos que a câmara não deixará passar a estação seca, sem cuidar de aterrar convenientemente a praça. (O Noticiador, 20.11.1861, p. 2)

Porém, mesmo sendo utilizada para comemorações desde o início da década de 1830 e da constante denúncia e cobrança da imprensa de suas péssimas condições e da necessidade de melhorias “na primeira e principal [praça] em todo o sentido que possui a nossa cidade” (Noticiador, 20.11.1861, p. 2), é somente no início da década de 1860 que ações mais efetivas foram realizadas para seu melhoramento.

Na década de 1860 a Câmara Municipal manda plantar e replantar as árvores da Praça (Diário do Rio Grande, 16.10.1863, p. 1). Em 1866, a Câmara manda, novamente, restaurar o arvoredo, plantando árvores frutíferas, como laranjeiras, cinamomos, figueiras brancas de folha miúda, etc. (Diário do Rio Grande, 19.07.1866, p. 1). Para o cuidado do arvoredo, a Câmara designou o fiscal e o guarda do mercado para a “conservação e guarda do arvoredo e tapagem da praça” (Diário do Rio Grande, 19.07.1866, p. 1). Essas atitudes da Câmara mostram que os reclames da imprensa foram ouvidos e que as autoridades começaram a se preocupar com o local e dotá-lo de algumas melhorias e cuidados.

Em 1865, para festejar a chegada o Imperador D. Pedro II a Pelotas, várias atividades festivas foram realizadas na Praça, entre elas, “três retretas” que a música do Sr. Joaquim d’Ávila tocou, nos dois coretos da Praça (Noticiador, 15.12.1865, pp. 1-2).

É também nesta década que a Câmara recebeu um coreto de madeira doado por John Proudfoot, comerciante de Rio Grande, para a realização das retretas na Praça (Diário do Rio Grande, 26.01.1866, p. 1).

Desde a década de 1860 que a Praça foi utilizada para a instalação de circos que chegavam à cidade. No início de maio de 1863, Pelotas recebeu a visita do “Grande Circo Oceano”, que durante quinze dias “ostentou sua elegância na bela Praça da Regeneração”. O circo deu dez “esplêndidas funções” e desde a sua chegada atraiu “grande número de curiosos e magnatas do lugar e de fora” (O Pelotense, 23.06.1853, p. 2), tendo sido bastante apreciado pelo público pelotense por várias razões:

De dia, cada qual procurava um lugar que julgava mais conveniente para si ou para sua família, e depois gozaram noites deleitáveis quer pelos difíceis trabalhos dos artistas, muitos deles nunca no lugar vistos, quer pelos amestrados cavalos; como pela magnificência do estabelecimento, suas

boas acomodações; e afinal pela grande reunião. Cada qual esquecia-se dos incômodos da vida, e recreava o seu espírito com as variedades que se lhe apresentavam à vista. O proprietário e principal diretor, Sr. Carlos J. Rogers reúne todas as qualidades de um perfeito cavalheiro e adquiriu muitas simpatias. Todos os seus empregados eram atenciosos, e tudo estava em perfeita harmonia com o seu primeiro diretor. Os trabalhos estiveram do publico continuados aplausos e só quem os viu os pode apreciar no alto grau que merecem. Os diferentes vestuários, segundo as épocas e as nações; os atavios dos cavalos pela mesma forma ajaezados, e sempre com luxo, ainda mais abrilhantavam o divertimento. (Diário do Rio Grande, 25 e 26.05.1863, pp. 1-2).

Em todas as funções, o circo teve “extraordinária concorrência”, não ficando “velho nem moço, feio ou bonito, pobre ou rico, nobre ou plebeu que não fossem apreciar tão decantados trabalhos” (Diário do Rio Grande, 03.06.1863, p. 2). Assim, a Praça começou a receber espetáculos itinerantes em seu interior.

Na década de 1870 a situação da Praça ainda era a mesma e as reclamações continuavam. Diante de tantas obras que a Câmara Municipal estava realizando para a “comodidade e o progresso” dos pelotenses, a população reivindicava melhorias na praça, que estava “realmente incompatível com os créditos e adiantamentos desta cidade. [...] o calçamento, a água, o gás, a elegância das edificações e outros melhoramentos que ali temos, [...]” (Correio Mercantil, 12.10.1875, p. 1). Ou seja, Pelotas estava se tornando moderna e esta modernidade não era compatível com as condições da Praça.

A década de 1870 marca o início de uma reformulação no espaço da Praça, que objetivava criar um cenário mais adequado para os lazeres da população pelotense. A Praça é arborizada, ajardinada e gradeada, são construídos passeios, é instalado um chafariz, ou seja, a Praça começa a ser modernizada, tornando-se compatível com o processo de urbanização da cidade, que também se intensificou nas três últimas décadas do século XIX.

Em 1873 Aquiles Beauvallet, jardineiro francês, solicitou à Câmara a importação de um chafariz da França para ser colocado na Praça. Ele foi instalado em frente ao Teatro Sete de Abril (Figura 1).

Figura 1 – Praça da Regeneração, com o Chafariz em frente ao Teatro Sete de Abril (Década de 1870).



Fonte: Acervo do Projeto Pelotas Memória

Os quatro chafarizes, encomendados pela Companhia Hidráulica Pelotense, serviam para suprimento de água à população pelotense. Com a água encanada, o chafariz foi transferido para o centro da Praça, no local onde estava localizado o pelourinho (Figura 2).
Figura 2 – Praça da Regeneração, com o Chafariz no centro da mesma.



Fonte: Acervo do Projeto Pelotas Memória

Em 1875 começam as discussões sobre a necessidade do gradeamento da Praça, o que se justificava pela ameaça de destruição das árvores. O jornal *Correio Mercantil* argumentava que, por melhor que fosse a índole dos habitantes, sempre haveria os malfeitores e vagabundos, para destruírem os melhoramentos feitos (*Correio Mercantil*, 15.09.1876, p. 1).

O gradeamento foi concluído em 1877, em duas etapas. No início de agosto de 1877 foi concluído o gradeamento de três faces da praça (*Correio Mercantil*, 09.08.1877, p. 1) e concluído totalmente em setembro, como mostra a reportagem abaixo:

PRAÇA PEDRO II É com imenso prazer que contemplamos hoje a realização de um melhoramento importante, por que pugnamos incessantemente desde quando ocupamos um modesto lugar na imprensa pelotense. Está, felizmente, concluído o gradeamento da praça Pedro II [da Regeneração]. A cidade de Pelotas, pode orgulhar-se de possuir atualmente a mais ampla e elegante praça da província, no que diz respeito a aformoseamento externo. [...]. (*Correio Mercantil*, 14.09.1877, p. 1).

Com o gradeamento, o acesso à Praça ficou restrito ao período em que seus portões estavam abertos. Inicialmente fechava às dez horas da noite, mas a população reivindicava um período mais longo, principalmente no período do verão, para que pudesse aproveitar para passeios à noite:

PRAÇA PEDRO II Os frequentadores de nosso passeio publico nestas noites calmosas e de luar, reclamaram contra a hora, 10 da noite, em que se fecham os portões. E pedem que se lhes permita apreciar o fresco da noite, as estrelas e o ambiente perfumado, pelo menos até às 11 horas. E desejam mais que se adote um sinal bem perceptível para a hora da saída, a fim de evitar que algum fique prisioneiro contra sua vontade e se veja obrigado a pular o gradeamento, com risco de ser preso pela policia. Justas como são as reclamações, esperamos que o digno Sr. presidente da municipalidade as atenda prontamente. (*Correio Mercantil*, 14.12.1877, p. 1).

Outro melhoramento reivindicado era o ajardinamento da praça, o que se iniciou em novembro de 1877, sendo realizado pelo floricultor G. Bouvallet (Correio Mercantil, 20.11.1877, p. 2). As solicitações de melhorias eram justificadas pela necessidade de utilizar a Praça para atividades de lazer:

Praça Pedro II Um dos melhoramentos de que mais necessita esta cidade, no seu estado atual de progresso e elegância, é o aformoseamento da praça Pedro II. A população acha-se completamente privada de lugares agradáveis e pitorescos, onde se recreie, á falta de espetáculos e outros divertimentos, e reclama com insistência que se trate de preparar a praça Pedro II para passeio e distração. Só a ilustríssima câmara municipal pode realizar os desejos do publico, se a isso se devotar com empenho e verdadeiro patriotismo. [...] (Correio Mercantil, 19.02.1876, p. 1)

O ajardinamento também foi realizado em etapas, iniciando-se em novembro de 1877, na seção em frente à Câmara Municipal (Correio Mercantil, 20.11.1877, p. 2). A etapa, “na secção em frente ao teatro”, foi concluída em agosto de 1878, “formando diversos canteiros, que apresentam uma perspectiva elegante e pitoresca com a arborização, a relva e as flores que se desenvolvem já com bastante viço e primor”. Já neste mesmo mês, se iniciou o preparo da “terra na secção em frente aos Srs. Macieis, com o proposito de ser também ajardinada” (Correio Mercantil, 22.08.1878, p. 1). Ainda neste ano foi concluído o ajardinamento do último quadro da praça.

Como a Praça era aberta durante a noite, para que as famílias passassem ali algumas horas de distração, havia a necessidade de que se acendessem os lampiões em torno do chafariz.

PRAÇA PEDRO II Principiou no Domingo a iluminação a gás carbônico, costeada pelos Srs. vereadores, no passeio central da praça Pedro II em torno do gradeamento do chafariz. Os oito novos lampiões, com os que já existiam, deram luz bastante para tornar o lugar suficientemente claro e aprazível aos frequentadores. O passeio esteve muitíssimo concorrido, principalmente por famílias, que ai permaneceram algumas horas em agradável distração. Notou-se apenas falta de uma banda de musica para recrear os circunstantes. Se alguma sociedade, ou todas, revezando, se dispusessem a dar retretas aos domingos, encontrariam favorável acolhimento e prestariam um bom serviço aos frequentadores da praça. (Correio Mercantil, 17.12.1878, p. 3).

Na década de 1880 novos melhoramentos são realizados na Praça. Em 1887 a Câmara chamava uma concorrência para a realização das obras de calçamento de ruas e da Praça e ficou estabelecido que as mesmas fossem varridas duas vezes por semana de outubro a março, período em que a população mais se utilizava do espaço público para atividades de lazer. No mesmo ano, em 1887, foi concluído o novo ajardinamento da Praça (Figura 3):

Jardim da Praça Está concluído o ajardinamento do ultimo quadro da Praça Pedro II. Este quadro, destinado especialmente as flores e arvores de

qualidade, há de para o futuro tornar-se um dos mais belos de nossa praça, graças ao cavalheirismo do distinto amador Sr. Francisco de Paula Teixeira, que doou gratuitamente, para neles serem plantados, os mais ricos arbustos, arvores e flores especiais que S. S. possuía, em seu jardim de aclimação. Folgamos m registrar tão generoso procedimento d Sr. Francisco de Paula Teixeira, honrado negociante d'esta praça. (Diário de Pelotas, 10.06.1887, p. 2).

Figura 3 – Praça da Regeneração Ajardinada (Final do Século XIX/ Início do Século XX)



Fonte: Fonte: Acervo do Projeto Pelotas Memória

A partir desse momento a praça é considerada um local digno para que a população pelotense desfrutasse seus momentos de lazer.

A cidade de Pelotas pode orgulhar-se de possuir atualmente a mais ampla e elegante praça da província, no que diz respeito ao aformoseamento externo [...] a praça Pedro II, colocada ao centro da cidade, passeio predileto da população, [...] elegantemente gradeada, com suas pilastras de alvenaria e portões de ferro, apresentando um belo efeito, em poucos anos deve converter-se em um jardim pitoresco, em um lugar aprazível, repleto de variedades para entreter a atenção dos concorrentes e atrair a curiosidade e elogios dos que visitem a cidade [...]. (Correio Mercantil, 14.09.1877, p. 1).

Sob a égide da modernização, a Praça da Regeneração tornou-se, principalmente aos domingos, local favorito da elite pelotense para o lazer ao ar livre, não só durante o dia, mas também à noite, quando os lampiões em torno do chafariz foram acesos. Segawa (1996) considera que esses espaços surgiram a partir do desenvolvimento urbano da Europa entre o século XV e o XVIII, período em que se construíram alguns novos lugares na cidade.

Anjos (2000, p. 49) considera que:

É nas duas últimas décadas do século XIX, portanto, que a noite pelotense se transforma. Os espaços de sociabilidade se multiplicam: quiosques na Praça D. Pedro II [da Regeneração], cafés, restaurantes e confeitarias aproveitam a claridade proporcionada pelo gás hidrogênio líquido e o pelotense aumenta seu tempo de viver em público.

No que se refere ao ato de ver e ser visto nesses locais, Florença parece ter sido pioneira neste sentido devido às vias de circulação. Por volta de 1570, o ato de exhibir-se a rua, principalmente entre vinte e vinte e uma horas, cresceu, e os homens andavam com suas carruagens ou a pé. O ato de tomar ar e andar a pé tornou-se generalizado na vida social inglesa durante a Restauração. E os espaços abertos se converteram em cenário para os desfiles elegantes ao ar livre especialmente durante o verão, quando os mesmos ficavam cheios.

Reunir-se: fazer-se público de sua presença, exhibir pompa, ver homens e mulheres bem vestidos e bonitos, contar e ouvir as novidades, assistir a apresentações musicais, mostrar as filhas na busca de maridos, homens finos admirando e fazendo corte a cortesãs. Os jogos sociais e sexuais – com tácita concordância entre seus praticantes – *a plaisir de la promenade*, tinha um palco magnífico nos jardins públicos. Adentrar um jardim público implicava o aceite silencioso de normas de conduta, imposição de sociabilidade cuja vigência se restringia ao território reservado do passeio. (Segawa, 1996, p. 33)

Nas últimas décadas do século XIX as atividades de lazer desenvolvidas na Praça se intensificam. As festividades cívicas e religiosas continuavam acontecendo na Praça. A inauguração da Barra do Canal São Gonçalo, ocorrida em 1875, começou sua festividade na Praça, com a reunião das Bandas União e Santa Cecília, para depois se dirigirem para o Porto.

As retretas continuaram divertindo a população pelotense, principalmente no verão, quando os espaços abertos públicos eram mais aproveitados. A reportagem abaixo mostra importância deste “divertimento”:

PELOTAS, 13 DE JANEIRO DE 1872 (Correspondência do Diário do Rio Grande), [...] Domingo próximo a Lyra Pelotense dará uma retreta na Praça Pedro II. É de se esperar que grande concorrência afluja a este lugar, porque é um divertimento grátis, e ao ar livre, o que se torna mais aprazível, na presente estação. (Diário do Rio Grande, 14.01.1872, p. 1).

As retretas começavam por volta das 19 horas, aos domingos e dias santificados, sendo considerada uma das poucas diversões aos domingos.

PRAÇA PEDRO II Esteve muitíssimo concorrido e animado o passeio da praça na noite de Domingo. A excelente banda de musica Santa Cecília, executou algumas belíssimas peças de seu variado repertorio, desde as 8 às 9 horas da noite, conseguindo conservar sempre um numeroso auditório e corresponder perfeitamente á sua expectativa. Não havendo atualmente outra diversão para os domingos, é de esperar que o publico tome em toda a consideração as boas disposições em que se acham as musicas do lugar e lhes compense os esforços que envidam para a sustentação de um tão útil e agradável passatempo. (Correio Mercantil, 04.02.1879, p. 2).

Como nas décadas anteriores, a Praça continuava sendo o espaço da cidade privilegiado para a localização de circos. Em 1875 foi construído o “circo provisório

destinado aos trabalhos da companhia ginástica e equestre do Sr. Albano Pereira” (Correio Mercantil, 11.11.1875, p. 1). Já no ano de 1878, a “Grande Companhia Equestre Inglesa” passou a “dar funções” na Praça, “composta por 50 pessoas, 35 cavalos amestrados” (Correio Mercantil, 09.03.1878, p. 4). Na década de 1880 o “Circo Franco-Português” iniciou suas atividades equestres na Praça (Diário de Pelotas, 06.04.1883, p. 3).

Além dos divertimentos itinerários, foi inaugurado um local de patinação, denominado “Saking-Rink”. Aberto em 1878, funcionou até 1882, quando expirou o prazo concedido pela Câmara Municipal.

SKATING-RINK O Sr. Angelino Soveral obteve ontem da câmara o local necessário para fundar o estabelecimento de patinação, por dentro do gradil da praça Pedro II. O prazo da concessão do terreno é de cinco anos, percebendo a câmara de aluguel mensal a quantia de cem mil réis. São, pois, seis contos de réis que entram para os cofres do município, e que naturalmente serão empregados no ajardinamento da mesma praça. O estabelecimento para o Skating-Rink será montado com todo o capricho. Só assim será a praça Pedro II um agradável ponto de reunião nas tardes e noites na estação calmosa. O publico deve receber com agrado mais esse estabelecimento, que lhe oferecerá variadas diversões. (Diário de Pelotas, 04.12.1878, p. 2).

Em função do fluxo de pessoas que utilizavam a Praça para suas atividades de lazer, foram inaugurados vários quiosques (Figura 4) que ofereciam alimentos, bebidas, música, entre outros divertimentos. Pode-se citar o Recreio Pelotense de Antônio Scotto, o Paraíso Terrestre de Francisco Costa, o Recreio Familiar de Paulo Baron (Arauto, 11.11.1900, p. 4), entre outros.

Figura 4 – Quiosque na Praça da Regeneração (1900)



Fonte: Acervo do Projeto Pelotas Memória

A reportagem a seguir mostra o que era oferecido por estes quiosques.

BREVE – RECREIO PELOTENSE – Domingo, 25 de novembro, á tarde, será instalado no jardim da Praça Pedro II, secção em frente ao teatro, o importante recreio com o título acima, onde os dignos visitantes encontrarão o melhor e mais agradável passatempo, acompanhados dos harmoniosos sons do repertório, escolhido pela banda União; Outrossim

oferecemos, por pouco dinheiro, as delicias do esplendido sortimento das mais finas bebidas. Temos sempre cerveja gelada das mais acreditadas marcas, sorvetes e refrescos gelados. Aprontam-se com esmero e prontidão, a qualquer hora do dia ou da noite, jantares e ceias, por preços razoáveis. Ao Recreio Pelotense! Antonio Scotto. (Diário de Pelotas, 23.11.1888, p. 3).

A Praça da Regeneração foi, durante todo o século XIX, bastante utilizada pela população pelotense para atividades de lazer, sendo um importante “ponto de recreio” da cidade. As reportagens a seguir demonstram a utilização deste espaço pela população.

PRAÇA PEDRO II Foi imenso o numero de distintas famílias e cavalheiros que ontem á noite afluíram á praça Pedro II. Naquele vaivém incessante, onde se trocam os mais ternos olhares, andava-se aos encontrões, tal era a aglomeração de povo, até ás 10 horas da noite. Uma lembrança aos diletantes: Para mais agradável tornar aquele ponto de reunião deviam todos cotizar entre si a quantia suficiente para pagar uma musica que toque ali durante os domingos, como se tem feito nos anos anteriores. (Diário de Pelotas, 29.11.1886, p. 2).

Praça Regeneração Foi admirável a concorrência de Exmas. famílias e cavalheiros anteontem a este belo ponto de recreio. À noite achava-se o jardim Scotto repleto por tal forma – que era quase impossível transitar-se por suas floridas ruas. (Diário Popular, 15.03.1892, p. 1)

3 Considerações Finais

A Praça da Regeneração foi utilizada, durante todo o século XIX, para atividades de lazer. Antes mesmo de ser demarcada oficialmente na planta da cidade, em 1834, e, mesmo sendo denominada de “campo”, o espaço era palco de festividades, tanto religiosas, civis ou profanas.

Porém, as atividades se intensificam e diversificam a partir do final da Revolução Farroupilha, em 1845, quando há uma maior preocupação em dotar este espaço de “melhoramentos” combatíveis com o desenvolvimento da cidade e com a necessidade de espaços de lazer ao ar livre.

A Praça da Regeneração era considerada a principal praça da cidade. Cronistas e redatores dos jornais, que se intitulavam representantes “do povo pelotense”, denunciavam as condições da praça, incompatíveis com a situação da cidade, que crescia e se urbanizava, e solicitavam da Câmara Municipal atitudes para a melhoria do espaço. A Câmara, também preocupada com as condições urbanas de Pelotas, começou a dotar a cidade de infraestrutura e serviços urbanos e de alguns melhoramentos, entre eles a arborização e o cuidado da praça, que havia intensificado e diversificado as suas atividades recreativas após a Revolução.

Porém, apenas na década de 1870, com o ajardinamento, o gradeamento, a limpeza e a iluminação, que a Praça começa a ser utilizada para outras atividades recreativas, entre

elas o “simples passeio” pelos seus jardins. É também nesta década que começa a ser utilizada durante a noite, principalmente no verão.

Assim, na segunda metade do século XIX, além das festas, as retretas, os circos, o ringue de patinação, os quiosques, atraíam a população pelotense para a Praça, se tornando uma das principais “vitrines” da opulência vivida pela elite pelotense do período.

A Praça era um importante espaço de lazer da elite pelotense, que nela ia para participar de atividades recreativas, mas também para ver e ser visto, para demonstrar sua riqueza e seu bom gosto, materializados nos seus modos e comportamentos e na sua maneira de vestir. Ia também para se encontrar, conviver e se relacionar com os seus iguais, pois, mais importante que a atividade propriamente dita, era a relação que se desenrolava nesses espaços.

4 Referências bibliográficas

Anjos, M. H. dos. (2000). *Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel.

Arauto, 11.11.1900, Pelotas, p. 4.

Corbin, A. (2001). Do lazer culto à classe do lazer. In A. Corbin. *História dos Tempos Livres. O advento do lazer*. (Tradução de Telma Costa). Lisboa/Portugal: Teorema.

Correio Mercantil, 04.02.1879, Pelotas, p. 2.

Correio Mercantil, 09.03.1878, Pelotas, p. 4.

Correio Mercantil, 09.08.1877, Pelotas, p. 1.

Correio Mercantil, 11.11.1875, Pelotas, p. 1.

Correio Mercantil, 12.10.1875, Pelotas, p. 1.

Correio Mercantil, 14.09.1877, Pelotas, p. 1.

Correio Mercantil, 14.12.1877, Pelotas, p. 1.

Correio Mercantil, 15.09.1976, Pelotas, p. 1.

Correio Mercantil, 17.12.1878, Pelotas, p. 3.

Correio Mercantil, 19.02.1876, Pelotas, p. 1.

Correio Mercantil, 20.11.1877, Pelotas, p. 2.

Correio Mercantil, 22.08.1878, Pelotas, p. 1.

Diário de Pelotas, 04.12.1878, Pelotas, p. 2.

Diário de Pelotas, 06.04.1883, Pelotas, p. 3.

Diário de Pelotas, 10.06.1887, Pelotas, p. 2.

Diário de Pelotas, 23.11.1888, Pelotas, p. 3.

Diário de Pelotas, 29.11.1886, Pelotas, p. 2.

Diário do Rio Grande, 03.06.1863, Rio Grande, p. 2.

Diário do Rio Grande, 07.12.1850, Rio Grande, p. 3.

- Diário do Rio Grande, 14.01.1872, Rio Grande, p. 1.
- Diário do Rio Grande, 16.10.1863, Rio Grande, p. 1.
- Diário do Rio Grande, 17.09.1857, Rio Grande, p. 2.
- Diário do Rio Grande, 19.07.1866, Rio Grande, p. 1.
- Diário do Rio Grande, 25/26.05.1863, Rio Grande, pp. 1-2.
- Diário do Rio Grande, 26.01.1866, Rio Grande, p. 1.
- Diário Popular, 15.03.1892, Pelotas, p. 1.
- Loner, A. B. (1999). *Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*. Tese, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS.
- Magalhães, M. O. (1993). *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. 2.ed. Pelotas: EdUPPel; Coedição Livraria Mundial.
- Müller, D. (2004). *A Hotelaria em Pelotas e sua Relação com o Desenvolvimento da Região: 1843 a 1928*. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, RS.
- Müller, D. (2010). *“Feliz a População que tantas Diversões e Comodidades Goza”*: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). Tese, Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS.
- O Noticiador, 04.05.1832, Rio Grande, p. 3.
- O Noticiador, 15.12.1865, Pelotas, pp. 1-2.
- O Noticiador, 20.11.1861, Pelotas, p. 2.
- O Pelotense, 23.06.1853, Pelotas, p. 2.
- O Pelotense, 31.01.1853, Pelotas, p. 1.
- O Pelotense, 31.03.1853, Pelotas, p. 1.
- Omegna, N. (1971) *A Cidade Colonial*. 2.ed. Brasília: EBRESA.
- Paradedá, M. R. (2003). *Arquitetura da Paisagem e Modernidade: um estudo sobre representações e memória das praças de Pelotas (1860-1930)*. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, RS.
- Porter, R. (2001). Os ingleses e o lazer. In A. Corbin. *História dos Tempos Livres. O advento do lazer*. (Tradução de Telma Costa). Lisboa/Portugal: Teorema.
- Saint-Hilaire, A. (1935). *Viagem ao Rio Grande do Sul. (1820-1821)*. (Tradução de Leonam de Azeredo Pena). Comemorativa do Centenário Farroupilha. Rio de Janeiro: Ariel.
- Segawa, H. (1996). *O Amor ao Público: jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP.